



Fotos Leonor Amarante

No Centro Georges Pompidou, a vanguarda de todo o mundo e o barulho da alemã Glasker Horst, com seus sons

Bienal de Paris: choque de propostas

LEONOR AMARANTE
Enviada especial

PARIS — Uma maratona de performances com mais de 15 horas ininterruptas (das 14 horas de um dia até às 7 da manhã do dia seguinte), que acabou num happening carnavalesco — para quem ainda estava acordado — foi, até agora, o acontecimento que mais agitou esta XI Bienal dos Jovens de Paris, inaugurada no último dia 20 no Centro Georges Pompidou, também conhecido como Beaubourg, e no Museu de Arte Moderna de Paris.

Sob o título "Non Stop", essa manifestação de arte, que volta a ser moda em todos os grandes centros artísticos, reuniu mais de 50 artistas de todo o mundo no MAM francês. Um clima de expectativa antecedeu as apresentações, que se realizaram no sábado. Os holandeses, por exemplo, prometiam fazer sua performance dentro do elevador do museu, com raio laser e neon, sob os acordes da música de John Cage e ruídos gravados numa estação de trem. Conclusão: sábado pela manhã ninguém utilizava os elevadores. O contraste entre as performances e as propostas bem comportadas desta bienal se chocavam violentamente.

Depois de três anos de silêncio (a X Bienal aconteceu em 1977), a bienal francesa traz algumas novidades e, pretendia escapar do monopólio da vanguarda que marcou as edições precedentes, oferecendo ao mesmo tempo uma panorama mais objetivo da diversificação dos jovens artistas de todo o mundo. Assim, a bienal de 1980 manteve a tradicional seção de artes plásticas, e abriu espaço para mais cinco: fotografia, videoarte, performance e intervenção, filmes experimentais e arquitetura. Paralelamente, também estão sendo realizados colóquios e debates sobre a arte contemporânea mas, até agora, não têm passado de monótonas aulas de história da arte, ministradas por artistas e críticos de nome.

Para movimentar as dependências do Museu de Arte Moderna e o Beau-

bourg por 33 dias, foram convidados 330 artistas, com menos de 35 anos, de 40 países, dos quais 153 são plásticos, 11 fotógrafos, 33 videógrafos, 27 performance e 106 cineastas, sendo que 75 por cento das obras estão espalhadas pelo chão dos museus.

Organizada por tendências, e não por países, como acontece na Bienal de São Paulo, Veneza e Kassel, na Alemanha, a mostra francesa ocupa quase 10.000 metros quadrados. Portanto, tentar percorrer-la num só fôlego torna-se uma aventura caótica e cansativa. Logo na entrada do MAM francês, junto à enorme pirâmide — do artista italiano Osvaldo Massa — que, através de células fotoelétricas, emite sons e projeta a luz do sol, mesmo à noite, um grupo francês antibienal colocou um cartaz com a inscrição: "Bienal Desesperada dos Jovens de Paris". No interior do museu, o espectador pode divertir-se com o trabalho da alemã Glasker Horst. Ao pisar nos diversos círculos de borracha dispostos num tablado de madeira, as pessoas provocam um som grave ou agudo de buzinas, cornetas, papá-ventos e, em pouco tempo, o barulho toma conta do salão. Este tipo de instalação foi uma constante nas bienais de São Paulo nos anos 60.

Cada espectador reage de forma diferente diante das obras que pedem sua participação, estimulando-o a alterar ou a acrescentar alguma coisa ao trabalho. As reações são as mais diversas diante do enorme inseto de cinco metros, todo branco, com a inscrição "Eu Sou Vermelho". No caderno preso por uma corrente, que faz parte da obra, um visitante bem-humorado escreveu: "Então apresente-se no PC francês, precisamos de gigantes".

Desde 1959, quando aconteceu a I Bienal de Paris, sempre houve uma preocupação em destacar os trabalhos de equipe.

Na mostra atual, o grupo "Normal", composto de três pintores — o checo Milan Kump, o alemão Josef Angermann e o norte-americano Jan Knapp —, é a vedete. Eles ocupam

grande espaço no Museu de Arte Moderna, com pinturas expressionistas inspiradas em Heckel e Kirschner, mas com um tratamento grosseiro e ao mesmo tempo kitsch, muito comum nos parques de diversões brasileiros.

Entre os artistas franceses que se apresentam individualmente, o destaque fica para Jean Luc Poivret, um jovem de 30 anos que normalmente faz intervenções mas que, nesta bienal, apresenta uma série de livros, todos brancos, nos quais apenas as capas recebem pintura: ou avôs ou cruzes, temas constantes do seu trabalho. Jean Luc Poivret pretende participar da próxima Bienal Internacional de São Paulo e, "quem sabe, fazer uma exposição numa galeria paulista".

Como trabalho de conjunto — apesar da fama dos alemães e do espaço que eles ocupam —, a melhor proposta é a da equipe da Coréia do Sul, que surpreende a todos pela criatividade e unidade dos trabalhos apresentados. Apesar do Brasil participar apenas com um artista, José Resende, segundo alguns críticos locais, como Pierre Restany, seu trabalho tem o peso de uma equipe. Nesta semana, o trabalho de Resende foi citado em duas revistas especializadas em arte. A respeito de Cláudio Tozzi e Luís Gregório não há comentários porque, praticamente, ninguém conhece a Galeria Debret (que pertence ao governo brasileiro), onde eles participam de uma mostra paralela à Bienal.

Apesar de Georges Boudaille, delegado geral da Bienal, afirmar que lutou por uma maior participação latino-americana, apenas sete artistas da América Latina, estão presentes. Entre eles, o melhor é José Resende, que apresenta no Beaubourg dez esculturas em ferro, seguido do boliviano Angele Lopez, desenhista que apresentou um trabalho forte e expressivo sobre a pressão policial do governo boliviano.

Com muita liberdade, milhares de quilômetros de filmes de vídeo são projetados, diariamente, nos 40 aparelhos

espalhados nos dois museus e que permanecem ligados ininterruptamente. O que recebe maior público é da artista francesa Marie Jo Lafontaine.

Trata-se da projeção simultânea, em seis aparelhos, do trabalho executado por uma "chata", espécie de barco que normalmente limpa os rios e os canais marítimos, jogando a lama em alto-mar. Como ela própria definiu, "é uma analogia psicológica entre o ato de amar e o de dragar a lama".

Acentuando as tendências já apresentadas na última bienal de 77, a mostra deste ano reafirma seu objetivo de aproveitar os novos meios de expressão. Com isso, a fotografia e o cinema experimental, que hoje ganham espaço definitivo nas galerias e nos museus europeus e norte-americanos, só agora recebem destaque nesta feira de arte. A fotolinguagem atinge talvez o seu clímax. Ela aparece como suporte em dezenas de trabalhos, em que os artistas pesquisam desde os seus recursos técnicos, apenas como fotografia, até a sua fusão com outros meios de expressão. O artista polonês Marek Chlana pode ser um bom exemplo. Ao reinterpretar a história infantil "Alice no País das Maravilhas", numa mistura de teatro, comics e fotografia, ele conseguiu através deste último recurso um efeito debochado e, ao mesmo tempo, surrealista-expressionista, não conseguido por outros artistas com propostas semelhantes.

Também com certo deboche, críticos e artistas deixam no ar uma pergunta. Poderá esta XI Bienal dos Jovens de Paris consagrar um outro Rauschenberg, artista Pop norte-americano que fez sua primeira apresentação fora dos Estados Unidos em 1959, vindo a ganhar a Bienal de Veneza em 64, quando houve a grande virada no mundo das artes, pondo em risco a intocável École de Paris? Ou, ainda, perpetuar um outro Christos, artista que escandalizou Paris em 1963, quando embrulhou uma moto? Por enquanto, ninguém arrisca um palpite.